

Olá

I'm so excited that my books have finally been translated into Portuguese.

I hope you love it as much as I do

Your Sufhart means the word

Thanks for everything

Lee xxx

T L SWAN

**PERFEITO
INIMIGO**

Tradução de
Bárbara Vilela

alma
dos
livros

*Gostaria de dedicar este livro ao alfabeto,
pois essas vinte e seis letras mudaram a minha vida.
Nestas vinte e seis letras, encontrei-me e, agora, vivo o meu sonho.
Da próxima vez que disser o alfabeto, lembre-se do seu poder.
Eu faço-o todos os dias.*

Prólogo

ELLIOT

Observo os números por cima da porta enquanto diminuem de cada vez que passo por mais um andar. No bolso, o meu telemóvel vibra. É o Christopher.

«Aviso!

A bruxa está à tua procura.»

Foda-se.

Volto a enfiar o telemóvel no bolso e expiro profundamente. Hoje, não estou com disposição para as merdas dela. As portas do elevador abrem-se, saio a passos largos, olho para cima e vejo-a na minha visão periférica. Finjo que não a vejo e viro-me para a Courtney, a minha assistente pessoal.

– Sr. Miles – ouço-a chamar atrás de mim.

Continuo a andar.

– Hum – ela pigarreia. – Sr. Miles. Não me ignore.

Sinto a minha temperatura a aumentar.

As minhas narinas ardem, viro-me para a voz e lá está ela. O membro da equipa mais irritante que já pisou este planeta.

Inteligente, mandona, arrogante e muito irritante.

Kathryn Landon, a minha arqui-inimiga.

A bruxa malvada do oeste.

Um título bem merecido.

Finjo um sorriso.

– Bom dia, Kathryn.

– Uma palavrinha?

– São nove da manhã de segunda-feira – disparo. – Agora não é altura para – faço o gesto de aspas no ar – uma palavrinha.

Juro que ela passa todo o fim de semana a pensar em formas de estragar as minhas segundas-feiras.

– Arranje tempo – ladra.

Passo a língua pelos dentes: esta cabra tem-me na mão, e sabe disso. Totalmente apaixonada por computadores, concebeu o nosso novo *software*. Sabe que é indispensável e, porra, aproveita-se bem disso.

Dirige-se ao seu gabinete e abre a porta apressadamente.

– Vou ser rápida.

– Claro que vai. – Finjo um sorriso, imaginando-me a bater com a sua cabeça na porta quando a atravesso.

Ela senta-se atrás da secretária.

– Sente-se, por favor.

– Não, estou bem de pé. Vai ser rápida, lembra-se? – Ela levanta uma sobrancelha, e eu olho-a. – O que foi?

– Fui informada de que não vou ter os meus quatro novos estagiários este ano. Porquê?

– Não brinque, Kathryn, é óbvio que já sabe a resposta a essa pergunta.

– Por que razão dariam esses estágios a trabalhadores externos?

– Porque a empresa é minha.

– Essa resposta não é suficientemente boa.

Começo a ouvir o pulsar do meu coração nos ouvidos enquanto inclino o meu queixo para o céu; ninguém me irrita como esta mulher.

– Senhora Landon, não tenho de justificar quaisquer decisões sobre a gestão da Miles Media. Respondo perante a administração e apenas perante a administração. No entanto, tenho de me interrogar sobre as suas intenções.

Ela arregala os olhos.

– O que é que isso significa?

– Bem, se está tão infeliz aqui, porque se mantém por cá?

– O quê?

– Há um milhão de outras empresas para quem poderia ir trabalhar e, no entanto, insiste em ficar por aqui, a queixar-se de tudo. Não lhe vou mentir, torna-se cansativo.

– Como se atreve?

– Acho que se deve lembrar de que ninguém é insubstituível. Terei todo o prazer em aceitar a sua demissão, em qualquer altura. Raios, até lhe pago um bónus para se ir embora.

Ela põe as mãos nas ancas.

– Quero um relatório escrito sobre os estágios que retirou do escritório de Londres e as razões para o ter feito. A sua desculpa não é suficiente, e eu própria apresentarei esta questão ao Conselho de Administração.

Claro que vai. A minha fúria borbulha.

– E não me revire os olhos – bufa.

– Kathryn, preciso de um transplante de retina de tanto revirar os olhos por sua causa.

– Bem, já somos dois.

Olhamo-nos fixamente, e não sei se alguma vez odiei alguém como a odeio a ela.

Ouçõ baterem à porta.

– Entre – grita.

O Christopher aparece, tal como eu sabia que ia acontecer. Interrompe sempre as minhas reuniões com a Kathryn momentos antes da minha explosão iminente.

– Elliot, posso falar contigo? – pergunta. E acena-lhe com um sorriso. – Bom dia, Kathryn.

– Ainda não acabámos, Christopher, vai ter de esperar – diz com brusquidão.

– Já acabámos – viro-me. – Se tiver mais alguma queixa, que sem dúvida terá, fale com os RH.

– Não vou fazer isso – diz, novamente. – É o diretor-geral, e vou tratar de todas as questões que tenho consigo. Pare de me fazer perder tempo, Sr. Miles. Terei todo o gosto em informar a direção da sua incompetência. Sabe Deus que tem suficiente. Quero que esses lugares de estagiário voltem imediatamente para o gabinete de Londres.

– Não vai acontecer.

Ela mexe nos papéis na sua secretária.

– Tudo bem, vemo-nos na próxima terça-feira.

A reunião da administração.

Fito-a enquanto começo a ouvir o meu coração nos ouvidos.

Grande cabra.

– Ahh... Elliot – o Christopher incita-me. – Temos de ir.

Cerro o maxilar e encaro-a.

– Diga-me quanto quer para se despedir.

– Vá para o inferno.

– Não vou ser abordado com as suas queixas triviais sempre que entro no meu gabinete – rosno.

– Então, pare de tomar decisões estúpidas.

Os nossos olhos estão fixos um no outro.

– Adeus, Sr. Miles, feche a porta quando sair. – E sorri com doçura. –

Vemo-nos na reunião do Conselho de Administração.

Inspiro bruscamente e esforço-me para me controlar.

– Elliot – o Christopher incita-me novamente. – Por aqui.

Saio do gabinete da Kathryn diretamente para o elevador. O Christopher vem atrás de mim, e as portas fecham-se atrás de nós.

– Foda-se. Odeio aquela mulher – sussurro, furioso.

– Se te faz sentir melhor – e sorri –, ela odeia-te mais.

Solto a gravata com um puxão forte.

– É muito cedo para um uísque? – pergunto.

O Christopher olha para o relógio.

– São nove e quinze da manhã.

Inspiro profundamente enquanto tento acalmar-me.

– O que é que isso importa?

Capítulo Um

KATE

A tiro o meu almoço para dentro dum saco e procuro as chaves.

– Estou de saída – digo à Rebecca.

A Beck surge na porta da casa de banho; está enrolada numa toalha branca com outra à volta da cabeça.

– Não chegues tarde a casa, hoje. Não quero que seja embaraçoso e estranho quando ele chegar.

– Sim, sim.

– Estou a falar a sério, quero que se sinta bem-vindo e, sabes, seria bom para nós as duas estarmos aqui para instalar o Daniel.

Reviro os olhos enquanto procuro as chaves. Onde estarão?

– O que te faz pensar que ele quer que nós o instalemos?

– Acho só que seria simpático dar uma boa primeira impressão.

– Certo. – Vejo as chaves no pequeno cestinho da mesa de centro.

– Hoje, na minha hora de almoço, vou buscar os nossos uniformes de netbol – diz-me.

Sorrio; que Deus nos ajude, vamos começar a jogar netbol de pavilhão, esta semana. A minha primeira atividade desportiva de competição desde o secundário.

– Mal posso esperar – respondo. – Esperemos que estejam equipados com desfibriladores. Estou em tão má forma que é possível que tenha um ataque cardíaco.

A Rebecca ri-se enquanto tira a toalha da cabeça.

– Tens um ginásio no edifício onde trabalhas, porque não o usas?

Dirijo-me para a porta.

– Eu sei, devia mesmo parar de ser tão preguiçosa.

– Achas que devia fazer o jantar para o Daniel, hoje à noite? – pergunta.

Franzo o sobrolho.

– Porque estás a esforçar-te tanto para seres simpática com este tipo?

– Não estou.

– Gostas dele ou assim? – arregalo os olhos. – Não te vi a fazer tudo isto pela nossa última colega de casa.

– Sim, porque ela era uma chata e, além disso, o Daniel é novo na cidade, chega hoje e não conhece ninguém. Tenho pena dele.

– Ele é estilista pessoal, tenho quase a certeza de que tem os seus próprios amigos malucos com quem conviver – murmuro, secamente.

– Correção, ele é um licenciado em moda que se mudou para Londres, porque queria ser estilista, há uma grande diferença.

Reviro os olhos.

– Como queiras, vejo-te hoje à noite.

Vou pelas escadas e, três lanços depois, estou na rua e caminho em direção à estação de comboios. São apenas três paragens, mas, mesmo assim, é demasiado longe para ir a pé.

Espero na plataforma e, no horário previsto, chega o meu comboio. Entro e sento-me.

Cheguei à conclusão de que estes são os vinte minutos mais estranhos do meu dia. É como um túnel temporal: sento-me, olho em volta e, no minuto seguinte, estou milagrosamente lá. Devo cair num estado cata-tónico – não sei em que penso, não sei para onde vai o tempo. Só sei que, de alguma forma, todos os dias, perco vinte minutos a pensar em assuntos de que não me consigo lembrar. Saio do comboio e dirijo-me para o escritório. Trabalho no centro de Londres, e há um pequeno café na diagonal do edifício da Miles Media; é movimentado e agitado, com pessoas a entrarem e a saírem apressadamente a caminho do trabalho.

– Olá, linda – diz o Mike.

– Olá – sorrio, feliz. O Mike é o barista que trabalha aqui; além disso, tem uma paixão discreta por mim há alguns anos. É querido e giro, mas, infelizmente, não sinto mesmo nada quando fala comigo.

É uma pena, porque é mesmo bom tipo. Se alguma vez houve alguém que seria bom para mim, esse alguém seria o Mike. Quem me dera poder escolher por quem me sinto atraída; isso facilitaria muito as coisas na minha vida.

– O habitual? – pergunta o Mike.

Sento-me perto da janela.

– Sim, por favor – olho à volta.

O Mike prepara-me o café, vem até mim e coloca-o à minha frente.

– Novidades? – pergunta.

– Nada de especial – agarro no café, o vapor flutua até ao teto, e sopro-o.

– Estou a pensar ir para o ginásio do meu edifício.

– Ai, é? – o olhar do Mike dirige-se para o edifício do outro lado da rua. – Têm ginásio ali dentro?

– Um enorme, no piso catorze.

– Ah, quem adivinharia? Tens de pagar?

– Não, é gratuito para os funcionários – dou um gole do café.

O Mike ri-se enquanto finge limpar a mesa ao lado de onde estou sentada.

– Posso ir contigo – oferece-se, com um piscar de olhos.

– Desculpa, é só para funcionários, e não tenho dinheiro para ir a outro ginásio.

O Mike revira os olhos.

O Mike e eu observamos quando um *Bentley* preto estaciona em frente ao edifício da Miles Media. O condutor sai do carro, abre a porta de trás, e o Elliot Miles sai. Como uma espécie de espetáculo a que assisto todos os dias, os meus olhos percorrem o homem que desprezo. Hoje, veste um fato azul-marinho às riscas com uma camisa branca, o cabelo escuro encaracolado na perfeição, como se acabado de foder. Vejo-o a abotoar o casaco com uma mão, a pasta na outra. As suas costas estão direitas, a sua postura é dominante.

A personificação da arrogância.

Bebo o meu café e observo-o; irrita-me o facto de ser lindo.

Irrita-me o facto de todas as mulheres pararem e o olharem fixamente quando entra numa divisão. E, acima de tudo, enfurece-me que saiba disso.

Embora nunca o admita, leio os tabloides e as revistas de mexericos, vejo todas as festas exóticas a que ele vai e as mulheres bonitas com quem sai.

Sei mais sobre o Elliot Miles do que gostaria de admitir.

Quer dizer, devia saber – odiei o homem durante os sete anos em que trabalhei para ele.

Vejo-o dizer qualquer coisa ao motorista com um sorriso, depois entra no edifício da Miles Media enquanto as pessoas viram a cabeça para o observar, e sinto os pelos da minha nuca a eriçar.

Elliot Miles, o típico sacana rico... chateia-me.

São apenas três da tarde, e o meu *e-mail* zune.

Abro-o.

«Elliot Miles.

Diretor-Geral da Miles Media Reino Unido.

Kathryn,

Já finalizou o relatório de acompanhamento?»

Idiota.

Cerro o maxilar e escrevo a minha resposta.

«Caro Sr. Miles,

Boa tarde, é sempre um prazer receber correspondência sua.

As suas maneiras são impecáveis como sempre.

O relatório só tem de ser entregue na terça-feira da próxima semana, pelo que o receberá nessa altura.

Se eu tivesse o número adequado de funcionários, talvez pudesse trabalhar de acordo com o seu horário de trabalho irrealista.

Desfrute do resto do seu dia.

Com os melhores cumprimentos,

Kathryn.»

Sorrio e carrego no botão «Enviar»; ser uma cabra sarcástica para o Elliot Miles é o meu passatempo favorito. A resposta chega imediatamente.

«Boa tarde, Kathryn,

Como sempre, o seu dramatismo não é apreciado.

Não perguntei quando receberia o relatório, perguntei se o tinha terminado.

Por favor, preste atenção aos pormenores, não quero estar sempre a repetir-me.

Terminou o relatório ou não?»

Inspiro bruscamente, este maldito homem deixa-me louca. Escrevo a minha resposta, batendo com tanta força no teclado que fico surpreendida por não partir um dedo.

«Sr. Miles,

Claro que o relatório está finalizado. Estou, como sempre, preparada para as suas incoerências em termos de datas e prazos.

Felizmente, um de nós é profissional. O relatório encontra-se anexo. Se tiver dificuldade em compreendê-lo, terei todo o gosto em reservar algum tempo da minha agenda para o explicar antes de se reunir com o Conselho de Administração.»

Sorriso enquanto continuo a escrever, imaginando o fumo a sair dos seus ouvidos enquanto lê.

«Tenha uma boa tarde, é sempre um prazer.

Kathryn Landon.»

Bebo do meu chá, sentindo-me feliz comigo mesma – toma lá. O meu *e-mail* apita de novo, e abro-o.

«Senhora Landon.

Obrigado.

Faça uma boa viagem de regresso a casa esta tarde, não se meta à frente de um autocarro ou algo do género.»

Sorriso para mim própria. *Idiota estúpido...* isso querias tu.



Estou de pé, a ver a Rebecca a correr pelo apartamento como uma galinha – o Daniel deve chegar a qualquer momento. E, caramba, caramba, a Rebecca está a enlouquecer.

– Não fiques aí especada – diz, com brusquidão.

– O que queres que faça? – olho à volta do imaculado apartamento.

– Não há, literalmente, nada para limpar. O que se passa entre ti e este gajo? – pergunto. – Estás decidida a impressioná-lo. O facto de ser lindo não tem nada que ver com isso, pois não?

– Não sejas ridícula – diz, novamente. – Tenho namorado, lembra-te?

– Oh, eu lembro-me, e tu?

– Cala-te – bufá.

Toca a campainha, e os nossos olhos encontram-se.

– Chegou – sussurra-me.

– Bem – gesticulo na direção da porta da frente. – Vai e deixa-o entrar.

A Rebecca quase corre para a porta da frente e abre-a à pressa.

– Olá – ela sorri.

É muito difícil não revirar os olhos.

– Olá – ele sorri ao olhar para nós. Tem duas malas grandes, é alto e louro, e tenho de admitir que é realmente muito bonito. Não me lembro de ser tão bem-parecido quando nos veio conhecer. Não admira que a Beck esteja a dar cabo de si própria para o impressionar.

– Deixa-me ajudar-te com isso – ofereço.

A Beck olha para a rua.

– Queres ajuda para trazer mais alguma coisa?

– Obrigado, tenho mais duas malas no meu carro. Vou buscá-las.

– Lembras-te da Kate? – ela aponta para mim.

Os olhos do Daniel focam-se em mim.

– Sim, claro que lembro. É um prazer ver-te novamente, Kate.

Sorrio, embaraçada. Sou sempre tão esquisita em situações sociais. Até conhecer alguém, não sou nada amigável. Não por escolha, claro, a timidez é uma maldição.

– Este é o teu quarto, por aqui. – A Rebecca faz de guia turística, orienta-o e mostra-lhe o seu quarto. – E este é o meu quarto. Sobe e mostro-te o quarto da Kate – oferece-se.

Sigo-os enquanto a Beck lhe mostra o apartamento. Os meus olhos percorrem o Daniel de alto a baixo: tem calças pretas, uma camisola de malha preta, sapatos pontiagudos e um blusão em verde camuflado. As suas roupas são caras e estão na moda; parece mesmo um estilista pessoal.

– Quando comesças a trabalhar? – pergunto, tentando fazer conversa.

– Tenho quatro clientes na próxima semana e preciso de encontrar mais cinquenta o mais rapidamente possível – diz.

Sorrio.

– Agora a sério, começo a trabalhar no Harrods, na próxima semana. Vou ser um dos seus compradores residentes.

Oh, que trabalho infernal... Fazer compras é um pesadelo para mim. Sem saber o que dizer e sentindo-me envergonhada, encolho os ombros.

– Nunca tinha conhecido um estilista pessoal.

O Daniel sorri.

– Não somos muitos.

Agarro numa das suas malas e observo-a: *Louis Vuitton*. Oh, Deus... Acho que a mala vale mais do que o meu carro. Desaparece pelos degraus da frente até à rua, e espreito atrás dele: tem o novo modelo da *Audi*, preto. Por que raio é que está a partilhar um apartamento com mais duas pessoas se tem todas estas coisas caras?

De certeza que preferia viver sozinho.

Eu preferia.

Agarra noutras duas malas que estão no carro, e, de novo, são bonitas, de pele preta. Gostava de ter um bom gosto destes. Não saberia o que comprar, mesmo que tivesse muito dinheiro.

O Daniel leva as malas para o quarto e olha-nos enquanto põe as mãos nas ancas.

– Por favor, digam-me que me vão levar a sair esta noite. Não há melhor forma de nos conhecermos do que uma noite de copos.

Os olhos da Rebecca quase lhe saltam das órbitas de tanta excitação.

– Isso soa maravilhosamente bem. – Olha para mim. – Não achas, Kate?

Nem por isso.

Finjo um sorriso.

– Claro.

– Vamos? – pergunta.

– Agora? – franzo o sobrolho. – Não queres arrumar nada antes?

– Não, está perfeito. Ainda vão lá estar amanhã e não tenho nada para fazer até à próxima semana, será como uma missão.

Uma hora depois, estamos sentados no bar de um restaurante, de vinho na mão.

– E então? – o Daniel olha-nos. – Qual é a vossa história, são solteiras ou namoram?

– Bem... – a Rebecca sorri. – Tenho namorado, o Brett. E aqui a Kathryn está a tentar obter um título de membro honorário do convento.

Rio-me.

– Isso não é verdade. Sou muito picuinhas.

O Daniel pisca-me o olho de forma fofa.

– Não há nada de errado com isso. Também sou muito picuinhas, na verdade.

– E qual é a tua história? – pergunta a Rebecca.

– Bem... – o Daniel faz uma pausa, como se procurasse as palavras certas. – Sou... – e pausa novamente.

– *Gay?* – pergunto.

O Daniel ri-se.

– Gosto demasiado de mulheres para me intitular completamente *gay*.

– Então... – a Rebecca franze o sobrolho enquanto tenta perceber o sentido daquela afirmação.

– És bissexual?

O Daniel torce os lábios como se estivesse a pensar.

– Não diria que sou bissexual. A minha atração natural é por mulheres. Mas, ultimamente... A sua voz descarrila.

– O quê? – pergunto, fascinada.

– Há uns anos, estava numa festa com uns tipos que não conhecia muito bem, em Ibiza. Um deles era *gay*.

– Com quantos estavas? – pergunto.

– Éramos quatro, no total.

– Então, três eram heterossexuais?

O Daniel assente.

– Talvez tenha sido o sol, talvez tenha sido o álcool, ou talvez tenha sido a cocaína, não sei, mas algo aconteceu e ficámos um pouco excitados, passámos o fim de semana na cama, e agora tenho um ligeiro fetiche por homens à parte.

A Rebecca sorri sonhadoramente para o Daniel, como se esta fosse a melhor história que alguma vez ouviu. E quase consigo ouvir as engrenagens do seu cérebro a fazerem clique, avaliando quão liberal ele deve ser.

Bebo um gole da minha bebida, igualmente fascinada com aquela história.

– Qual é a sensação de ter sexo com alguém que não é a nossa inclinação natural?

– É boa. Talvez um pouco perversa. – O Daniel encolhe os ombros.

– Acho que é isso que acontece comigo, sinto que estou a fazer algo maroto, algo que não devia estar a fazer, mas, ao mesmo tempo, parece tão natural. E não sei durante quanto tempo continuarei a fazê-lo, talvez não para sempre, talvez não muito mais. Mas, quando o faço, não me arrependo. Não parece errado, se é isso que queres dizer.

– Quantos... – a voz da Rebecca perde-se quando se detém.

– Podes perguntar o que quiseres – incentiva o Daniel.

– Com quantos homens já estiveste?

O Daniel estreita os olhos enquanto pensa.